

A recepção de Machado de Assis em Portugal no século XIX*

Eduardo Melo França**

Resumo

O objetivo deste trabalho é construir um painel sobre a circulação da obra de Machado de Assis entre os principais periódicos e antologias literárias publicadas em Portugal no século XIX. Para isso, realizamos uma pesquisa de primeira mão, um trabalho de campo, entrando em contato sem intermediações, com esses principais periódicos, o que nos possibilitou contribuir com novos dados e conferir informações já previamente conhecidas. Também fizemos uma revisão dos principais trabalhos já publicados sobre o tema.

Palavras-chave: Machado de Assis; crítica literária portuguesa; periódicos; século XIX.

Abstract

The objective of this work is to construct an overview about the circulation of Machado de Assis' work among the main periodicals and literary anthologies published in Portugal in the 19th century. For this purpose, we conduct a first-hand research, a field work, contacting without intermediation with these main journals, which enabled us to contribute with new data and to verify information previously known. In addition, we reviewed the main works already published on the subject.

Keywords: Machado de Assis; portuguese literary criticism; periodicals; XIX century.

* Artigo recebido em 06/04/2018 e aprovado em 25/04/2018.

** Doutor em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Professor Adjunto no Departamento de Letras da mesma universidade.

AO AFIRMARMOS, QUEIXOSAMENTE, QUE MACHADO DE ASSIS ao longo do século XIX recebeu pouca atenção da crítica portuguesa, deixamos muito mais transparecer uma frustração diante do fato de não encontrarmos do outro lado do oceano o reconhecimento que supomos merecido àquele que consideramos o maior romancista em língua portuguesa do que uma constatação imparcial dos acontecimentos. Machado, ainda que pouco, inegavelmente foi lido, comentado e publicado em terras lusitanas. Talvez não como imaginamos que deveria ou, principalmente, como gostaríamos que tivesse ocorrido. É fácil constatar que parte da obra machadiana foi reproduzida e comentada em publicações oitocentistas portuguesas dos mais variados níveis; desde o popular *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, passando por periódicos portugueses bem reputados como *Branco e negro* e a *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, até as antologias poéticas organizadas por Teófilo Braga e Antero de Quental.

O lugar que merecidamente Machado de Assis ocupa na história da literatura brasileira nos faz pensar que mesmo se fôssemos capazes de enumerar, sem nenhuma falta sequer, todas as vezes que o seu nome, de uma forma ou de outra, mínima ou significativamente, foi mencionado em Portugal, ainda assim, provavelmente, a crítica nacional reclamaria da suposta pouca atenção que um dos nossos maiores patrimônios culturais teria recebido das terras lusitanas.

Nosso objetivo é montar um painel da recepção da obra de Machado de Assis entre as principais antologias e periódicos literários portugueses do século XIX. Por isso, desde já é importante esclarecer que não nos interessa medir a popularidade de Machado em Portugal ao longo desse período, mas, sim, debruçar-nos especificamente sobre os periódicos portugueses do século XIX com enfoque principalmente literário ou cultural e antologias organizadas por figuras proeminentes do cenário literário português.

Se do outro lado do oceano Carlos Malheiro-Dias considerava que Machado de Assis era a raiz da grande árvore que é a literatura brasileira, ou, Gomes de Amorim, em 1866, em carta ao próprio Machado, dizia que sua “reputação” atravessava os mares e “o fez conhecido na Europa como uma das futuras glórias do seu país” (SARAIVA, 2009, p. 64), do lado de cá, Alberto de Oliveira resmungava que “romancistas eminentes como Machado de Assis [...] não são conhecidos e estudados em Portugal como tinham direito a sê-lo” (OLIVEIRA, 1919, p. 92).

Segundo Arnaldo Saraiva (2009), até 2009 não havia ainda em Portugal um pacote das obras completas de Machado. No entanto, algumas de suas obras mais importantes

receberam, até a data referida por Arnaldo Saraiva, edições portuguesas: cinco edições das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, quatro de *Dom Casmurro*, três de *Helena*, três de *Memorial de Aires*, duas de *Quincas Borba*, além de quatro antologias de conto, organizadas por José Osório de Oliveira, João Alves das Neves, Temístocles Linhares, e pela Lello & Irmão. Saraiva também destaca que já existem edições portuguesas dos contos *Missa do Galo*, *O alienista* e *Cantiga de esponsais*, além de outros vários contos publicados em obras coletivas ou antologias. Também foram editadas em Portugal as biografias machadianas de Luís Vianna Filho, Josué Montello e Mariazinha Congílio.

Como ficcionista, Machado praticamente não existiu em Portugal. Como poeta, alguma coisa sua foi publicada e comentada. Como crítico, seus textos não foram significativamente difundidos. No resumo da ópera, considerando quais foram as suas publicações e levando em conta sua ótima reputação entre importantes escritores portugueses, podemos dizer que se Machado definitivamente não passou despercebido durante o século XIX em Portugal, foi porque mesmo do outro lado do Atlântico o fundador da Academia Brasileira de Letras soube estabelecer relações pessoais e literárias com importantes escritores portugueses.

Apesar dos elogiosos comentários feitos a sua obra, o Machado de Assis conhecido em Portugal durante o século XIX nunca chegou a ser o grande autor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* ou *Quincas Borba*. Isso porque quase todas as referências e relações que podemos pontuar entre Machado e a intelectualidade portuguesa acontecem antes de 1880, década na qual publica as *Memórias* e os *Papéis avulsos*. O Machado que chegou a Portugal foi, como dizem, ainda o nosso Machadinho; o talentoso autor das *Falenas* e o coerente e ponderado crítico que não se deixava levar por juízos apressados ou modas literárias.

O poema “Versos à Corina”¹ foi publicado em Portugal duas vezes em 1864. A primeira, na *Revista contemporânea de Portugal*. A segunda, no *Jornal do Porto*, acompanhado de algumas palavras de Ramalho Ortigão, que segundo Sayers “denotou interesse por Machado de Assis, mas pouca perspicácia crítica no artigo “Versos de Machado de Assis” (SYARES, 1983, p. 130). Esses mesmos versos seriam republicados

¹ A quem desejar investigar as diferenças entre as versões publicadas em Portugal e no Brasil dos *Versos à Corina* e outros textos, o artigo *O poeta Machado de Assis lido em Portugal* (2009), de Ernesto Rodrigues, é imprescindível. Infelizmente, por falta de espaço e porque seria um desvio de propósito, não iremos aqui reproduzir ou resumir as contribuições dadas por Ernesto Rodrigues. Ainda assim, fazemos questão de salientar a precisão com a qual trata os detalhes que diferenciam as versões do poema machadiano.

em 1900 na *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*. Também em 1864 saía a terceira edição da antologia *Cantos matutinos*, organizada por Gomes de Amorim, onde encontramos um artigo de Machado intitulado *Semana literária*, originalmente publicado no número 127 do *Diário do Rio de Janeiro*.

Um dos primeiros bons artigos no qual Machado recebe mais atenção foi escrito por Pinheiro Chagas e publicado em 1866 no *Anuário do arquivo pitoresco*. Além de considerá-lo um dos “vultos mais notáveis da literatura brasileira”, o crítico diz nutrir por Machado uma grande simpatia:

Não se explicam facilmente estes laços de simpatia, que, através de imensa distância, nos ligam a um homem, de quem conhecemos apenas um ou outro eco dos seus pensamentos. Pois esses laços, que eu também não sei explicar, ligaram-me ao Sr. Machado de Assis, com quem nem mesmo tenho correspondência (CHAGAS, 1866, p. 213).

Tal simpatia seria decorrência de uma admiração. Pinheiro Chagas, após ler a crítica escrita por Machado sobre o livro *Os primeiros amores de bocage*, diz que simpatizou:

[...] vivamente com o escritor [Machado de Assis], que nesses fragmentos do seu labor literário revela o que mais tem nesse confuso exame da literatura, uma individualidade pronunciada e característica [...] Elegância desprentiosa do dizer! Sorriso fino, veia humorística, viveza de estilo, originalidade no pensamento! (1866, p. 213).

Sobre a Literatura brasileira, o crítico português considera que:

Tem defeitos inerentes aos seus próprios predicados. É declamatória porque exagera a eloquência, é gongórica porque não pode conter a fantasia. Contudo, devemos confessar que frequentes vezes, até nos trechos dos seus mais notáveis escritores, chegamos a fatigar desse voo por alturas tão remontadas, e que não podemos deixar de nos sorrir dessas galas de linguagem, pompeadas a propósito de tudo, num discurso acadêmico e na alocação de um regedor, no elogio histórico de um grande homem e no *toast* de um banquete (CHAGAS, 1866, p. 213).

Seria justamente diante desse quadro não muito elogioso pintado por Pinheiro Chagas sobre a literatura brasileira que as virtudes estilísticas de Machado se destacariam:

Machado de Assis não possui nem a mais leve sombra deste defeito; a sua índole é até de todo avessa a estes recamos despropositados, e não sei mesmo se diga que é muito possível que a eloquência empolada de algum Marini brasileiro desinche ao divisar nos lábios de Machado de Assis o sorriso malicioso, que diz tão bem com a sua fisionomia literária. Não nos esqueçamos que este escritor é um dos mais distintos, se não o mais distinto, dos folhetinistas do império (1866, p. 213).

Mesmo falando de um jovem Machado de Assis, Pinheiro Chagas identificou tanto no crítico quanto no autor de *Os deuses de casaca* uma marca que percorrerá toda a sua obra, a malícia e o humor. A peça seria uma manifestação completa do seu talento, refletindo sua face “elegante, humorística, poética, maliciosa e delicada”. Comparando-o

a Henrich Heine e Alfred Musset, sua peça é considerada “uma das mais graciosas composições que a nossa literatura (luso-brasileira) se ufana” (CHAGAS, 1866, p. 213). Pinheiro Chagas deve ter conhecido a peça apenas através da leitura, já que tal como quase todos os brasileiros, Machado não teve a oportunidade de ser encenado em Portugal.

Foram poucos os poemas de Machado reproduzidos em Portugal, menos ainda os comentários sobre eles. A primeira crítica mais consistente sobre seu trabalho foi publicada por Júlio César Machado, em 1871, intitulada "Falenas - Do Poeta Brasileiro Machado de Assis", na revista *A América: órgão, ante os poderes públicos de Portugal, dos interesses portugueses no Brasil e no Rio de Prata*, editada pelo respeitado José da Silva Mendes Leal. Nela, Machado é destacado como um autor de extraordinário talento, estilo pessoal, pensamentos originais e com uma tendência pessimista disfarçada por uma camada de humor. Apesar de lançar as ideias que irão nos anos seguintes prevalecer sobre a obra machadiana e fazer sua reputação, a crítica é insossa e pouco enfática.

Poeta brasileiro de superior e extraordinário talento, para quem parecem ter sido inventadas as palavras ‘recomendável, distinto, singular, peregrino, admirável’, de que adubam’ cotidianamente os guisados encomiásticos com que os literatos se ficam a lambar os beijos (MACHADO, 1871, p. 47-48).

Júlio Cesar Machado², fazendo o papel de psicanalista apressado, viu uma foto de Machado de Assis e deduziu que por debaixo do seu “corpito magro, fisionomia discreta e firme” haveria um sorriso “melancólico, como que a deixar-se adivinhar um caráter nobre, ferido profundamente e calando seus segredos” (MACHADO, 1871, p. 48). Através de Ernesto Rodrigues (2009), ficamos sabendo que esse mesmo texto sobre Machado de Assis pode ser encontrado no hoje pouco lembrado volume *Manhãs e noites*, de 1873, onde Júlio César Machado reúne alguns de seus artigos anteriormente publicados na imprensa.

Em 1872, antes de publicar qualquer um dos grandes textos que viria a escrever, o nome de Machado já aparecia entre os dos colaboradores no primeiro número do reconhecido periódico *Artes e letras*, ao lado de outros brasileiros que passaram por Portugal, como Narcisa Amália, Luís Guimarães Júnior, Celso de Magalhães, Salvador de Mendonça e Franklin Távora. Também constam nessa lista ilustres portugueses como Inocêncio Francisco da Silva e Camilo Castelo Branco.

² Sobre a correspondência estabelecida entre Machado de Assis e Júlio César Machado, ver: OLIVEIRA, Mário Alves. Duas cartas inéditas de Machado de Assis. In: *Revista Brasileira*, fase VII, ano XIII, n. 50, Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Letras, jan.-mar. 2007, p. 223-225.

Ressurreição, seu primeiro romance, ainda que discretamente, recebeu atenção de alguns críticos portugueses. Entre eles, novamente Pinheiro Chagas, um dos que mais se esforçava para difundir e problematizar a literatura brasileira em Portugal. Se o interesse pelos seus primeiros romances não foi algo que possamos destacar entre a crítica lusitana, ao menos da sua existência os periódicos tinham notícia. Em 1872, logo após a sua publicação, na *Artes e letras* aparece o comentário: “*Ressurreição*, romance, pelo Sr. Machado de Assis. A propósito desta última obra vimos nos jornais do Rio críticas muito lisonjeiras para o ilustre literato que é uma das glórias do Brasil” (CHAGAS, 1872, p. 80).

Ainda em 1872 e na mesma *Artes e Letras*, Rangel de Lima escreveu:

Deseja o autor de *Ressurreição*, que a crítica lhe diga se alguma qualidade o chama para o gênero de literatura que ensaia na sua nova publicação, ou se todas lhe faltam, porque neste caso volverá para outro campo em que já tem trabalhado com aprovação, cuidados e esforços.

Não devo abalar-me a satisfazer o desejo do Sr. Machado de Assis o tom solene de crítico encartado, porque o não sou, nem desejo ser; entretanto, se o distinto literato brasileiro se contenta com a opinião franca e sincera de um simples trabalhador, que só tem o merecimento de desejar acertar, dir-lhe-ei que continue a escrever romances, muitos romances, porque se estreou com um de grande interesse e ótimas condições literárias, que pode servir de lição e modelo a muitos escritores do gênero.

De entre as qualidades boas que exortam a obra do Sr. Machado de Assis, sobressai uma que mal se pode definir e que tão rara é encontrar em grande número de publicações modernas: – a que nos prova, da primeira à última página, que o livro é escrito por um literato (LIMA, 1872, p. 94).

Em oito de março de 1872, na revista *O Brasil*, editada por Antonio Feliciano de Castilho e que circulou entre 1871 e 1874, Machado foi aclamado como o “festejado autor das *Falenas*”. Nessa mesma revista, podemos conferir que também em 1873 aparece um artigo escrito por Pinheiro Chagas no qual afirma ter gostado do primeiro romance de Machado, mas que o prefere como poeta. Chagas considera *Falenas* uma obra admirável, enquanto que *Ressurreição*, apesar de lhe agradar, mais lhe parece um esboço, faltando desenvolvimento aos seus personagens.

Apesar de ainda versarem sobre o primeiro romance de Machado, esse e todos os comentários que até agora destacamos, seja em relação à sua poesia ou prosa, ressaltam seu estilo sempre muito ponderado, rigoroso, sóbrio, sem melodrama ou maiores derramamentos. Até mesmo para os portugueses, desde o seu primeiro romance, fica evidente que a sua inclinação psicológica o diferenciava da maioria dos autores românticos brasileiros. O valor atribuído ao seu texto o contrastava com o estilo tipicamente romântico e eloquente da literatura brasileira oitocentista. Vejamos como Pinheiro Chagas conclui seu artigo:

Mas o que não se pode deixar de admirar neste belo livro é a encantadora sobriedade do estilo, o fino toque de um lápis prestigioso, e o delicado estudo de uns certos cambiantes de paixão, que revelam Machado de Assis um escritor fadado para os estudos psicológicos, que são a base principal do romance íntimo na sua acepção mais elevada (CHAGAS, 1873, p. 1-2).

Machado publicou no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1873* seu poema “O verme”. No *Parnaso português moderno*, em 1877, de Teófilo Braga, constam apenas dois poemas seus, “Quando ela fala” e “O leque”. Número inferior, por exemplo, aos de Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Castro Alves. Também em 1878 encontramos na coletânea organizada por José Simões Dias, *Tesouro poético do trovador*, o poema “Livros e flores”, e no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1878* o poema “Coração triste falando ao Sol”. O nome de Machado apareceria no *Ocidente*, em 1880, na seção “Crônica ocidental”, assinada por Guilherme de Azevedo, que a propósito da celebração do terceiro centenário de Camões no Brasil, reproduziu seu soneto “Camões”.

Apesar dos livros de Machado terem sido postos à venda por Ernesto Chardron em 1879, 1880 e 1881, além de anunciados em sua *Bibliografia portuguesa e estrangeira*, após esse ensaio de Pinheiro Chagas muitos anos se passaram sem que se fizesse outro comentário à sua prosa; o que nos faz supor que seus romances pouco chamaram atenção em Portugal. Segundo Raimundo Magalhães Júnior, mais um indício da admiração de Pinheiro Chagas pelo Machado poeta é que o poema “Círculo vicioso”, originalmente publicado na *Revista Brasileira*, foi pelo crítico transcrito no *Diário da manhã*, antes que qualquer jornal brasileiro o fizesse (MAGALHÃES JÚNIOR, 1881, v. 2, p. 256).

Foi também de se estranhar a forma com a qual a revista *A folha nova*, de Emígdio Oliveira, tratou as *Memórias póstumas*. O periódico costumava publicar regularmente romances na forma de folhetins, sem tecer qualquer comentário sobre a obra ou o autor. No entanto, em doze de outubro de 1882, quando iniciou a publicação de *Brás Cubas*, o editor a introduziu da seguinte forma:

O notável romancista e poeta brasileiro Sr. Machado de Assis, ofereceu ao nosso amigo Moutinho de Sousa, durante a última e rápida estada deste Sr. No Rio de Janeiro o seu romance, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com a permissão de ele o publicar num periódico de Portugal, a seu gosto.

O nosso amigo escolheu a *Folha Nova*, honra que muito nos penhora e que principiamos a merecer inserindo o primeiro folhetim do notável romance (“O nosso folhetim”, 1882, p. 1).

No entanto, em vinte e dois de novembro de 1883, após treze meses e vinte e três capítulos, a publicação do romance foi suspensa sem nenhuma explicação. É provável

que os editores o tenham considerado demasiadamente longo ou difícil para os leitores da revista³.

Na edição dedicada ao ano de 1882 do *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro* encontramos o poema “A amante de Camões”. Em 1883, no *Tesouro Poético da Infância*, organizado por Antero de Quental, foi reproduzido seu poema “Fé”. Ainda em 1883, Gervásio Lobato, na importantíssima e longeva revista *Ocidente*, citando o prefácio escrito por Machado sobre *As Sinfonias*, de Raimundo Correia, destaca um traço que seria constante na sua crítica:

O prefácio do senhor Machado de Assis tem uma qualidade muito original: é extremamente sóbrio de elogios ao livro prefaciado e tanto que quando o li, se o livro não tivesse sido enviado e recomendado por um velho amigo de infância, cujo bom gosto literário me merece a mais plena confiança, eu teria dado por lido o livro nas últimas palavras de Machado de Assis (LOBATO, 1883, p. 113).

Lobato diz que se fosse deixado levar pelas palavras de Machado não teria lido o livro de Raimundo Correia e, se assim o fez, foi somente pela indicação de um amigo de infância:

Sente-se que o Sr. Machado de Assis estava cheio da preocupação de não ser tomado por pregador vulgar, que acha sempre maior que todos os santos em cujo orago prega. Temeu a tradição lisonjeira dos prefaciadores, e tanto que por um triz, íamos por causa dessa preocupação, deixando de ler um belo livro de excelentes versos dos melhores que ultimamente temos lido em português (LOBATO, 1883, p. 113).

Alguns textos críticos de Machado foram publicados em periódicos portugueses. Em 1884, por exemplo, no número onze da *Ilustração: revista quinzenal para Portugal e Brasil*, foi reproduzido um no qual ele fala sobre a morte do hoje esquecido poeta, jornalista, deputado e ministro Pedro Luís. Essa morte também foi noticiada em outro curto texto (não assinado) desse mesmo periódico. Nela, o autor anônimo ao se referir à nota biográfica sobre Pedro Luís escrita por Machado, distingue-o como “um dos nomes mais simpáticos e mais notáveis do Império [...] romancista e poeta brilhantíssimo” (“Pedro Luís”, 1884, p. 172). Nos jornais diários, segundo Sayers, vale pontuar a sua elegia ao recém-falecido Gonçalves Crespo, publicada no *Jornal do comércio* em 1883.

Três anos depois, saía no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1886* o poema “Círculo vicioso”. No mesmo *Almanaque*, no número dedicado ao

³ A mesma hipótese de que os últimos romances de Machado seriam muito difíceis para o público português foi também proposta por Sayers (1983, p. 135-136)

ano de 1890, novamente era publicado “O verme”, e no ano seguinte, dedicado a 1891, o poema “Quando ela fala”.⁴

Ficamos sabendo através da pesquisa de Sayers que em 17 de novembro de 1886, no *Jornal do comércio*, publica-se o seu soneto “Vinte e seis de outubro”, sobre a morte de José de Bonifácio. Tal soneto não foi incluído nas edições completas da obra de Machado publicadas pela Jackson ou Aguilar. Tendo o poema somente saído no *Jornal do comércio*, em Portugal, e no livro *José Bonifácio o moço*, de Júlio César Faria, achamos adequado reproduzi-lo:

Ventos do mar, há poucos sussurrando,
As vozes dele ouvíeis namorados,
Ventos da terra agora consternados
Levais a nova do óbito nefado

Castigo foi à nossa pátria, quando
Dele esperava alentos renovados
E sentia viver raro e venerando.

Claro e vibrante espírito, caíste,
Não ao peso dos anos, mas ao peso
Do teu amor à nossa pátria amada.

E ela que fica desvairada e triste,
Chora lembrando o verso teu aceso,
Filho de Andrada, e portentoso Andrada (*apud* SAYERS, 1983, p. 130).

Machado foi da mesma forma pouco conhecido em Portugal como cronista. Nessa condição, foi citado uma única vez em 1888 no artigo “A beletrística brasileira”, escrito por Fran Paxeco e publicado na revista *A arte*. Mesmo chamando-o de “chefe tácito dos atuais beletristas brasileiros”, em um tom que raramente se usa ao falar sobre Machado, Paxeco diz que após a seleção de algumas de suas crônicas, que considera valiosas, as demais deveriam ser jogadas na lata do lixo. Além disso, o considera:

Estilista acurado, sóbrio e corretíssimo, como raros em Vera Cruz, a mocidade vê nele um elegante cronista, um tolerável poeta ultrarromântico, um excelente *conteur*, um

⁴ Ao total, Machado consta com dez publicações no *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, sendo que os poemas “O Verme” e “Círculo vicioso” foram publicados duas vezes. As publicações posteriores ao ano de 1900 foram, “A mosca azul” (1909), “O delírio” (1909), “Círculo vicioso” (1910) e “A borboleta preta” (1914). No artigo escrito por Vânia Pinheiro Chagas encontramos transcrito o panegírico publicado em homenagem a Machado de Assis no *almanaque de lembranças luso-brasileiro para o ano de 1910*. Chagas ressalta que em toda a história do *Almanaque*, que circulou entre 1851 e 1932, “os perfis biográfico-críticos do nosso *Almanaque* não ultrapassam as seis dezenas, sendo ainda bem menor número de brasileiros com ela agraciados [...] Apenas dezessete brasileiros foram objeto dessa apresentação na coletânea em análise [...] Álvares de Azevedo (1878), Castro Alves (1882), Manuel de Araújo Porto Alegre (1884), Gonçalves Crespo (1885), Fagundes Varela (1887), José Bonifácio d’Andrade e Silva (1890), José de Alencar (1899), Visconde de Taunay (1901), Raimundo Correia (1913), Sílvio Romero (1916), Olavo Bilac (1920), João do Rio (1922), Rui Barbosa (1924), Lauro Muller (1927), Jackson de Figueiredo (1930) e Hermes Fontes (1932).” (2009, p. 59)

bom romancista, um fino comediógrafo, e afez-se a tê-lo por mestre na região serena das belas letras (PAXECO, 1898, p. 137-138).

Segundo Sayers, no *Correio da manhã*, em 1892, encontramos sua tradução de “O corvo”, de Edgar Allan Poe (SAYERS, 1983, p. 130). No mesmo jornal, em 1895, foi publicado o poema “Uma criatura”, que veio a ser publicado novamente nesse mesmo ano na *Revista moderna*.

Na *Revista moderna*, em 1895, aparece o artigo “O fonetismo”, primeiramente publicado na *Gazeta de notícias* do Rio de Janeiro. Trata-se de um texto bem-humorado, ao estilo machadiano, no qual é posto em debate a empolgação ou desburocratização das línguas, além da definição da grafia de algumas palavras. Também é interessante destacarmos que na mesma *Revista moderna*, em 1896, encontramos o seu conto filosófico “Ideias de canário”, que na ocasião recebeu o título “Que é o mundo”.

Em 1896, o poema “Festa de Lindóia” aparece na revista *A madrugada*. Em 1897, “A mosca azul” no *Branco e negro*. Provavelmente, o fato de Carlos Malheiro Dias, um de seus colaboradores, morar no Rio de Janeiro facilitou que nela fossem publicados escritores brasileiros, tais como B. Lopes, Cruz e Souza, Vicente de Carvalho, Coelho Neto, além de Machado de Assis.

Enquanto Sousa Bastos na *Carteira do artista*, de 1898, dedica a França Júnior, Alencar e, principalmente, Artur de Azevedo, artigos mais elaborados e elogiosos, no espaço dedicado a Machado ele é simplesmente sucinto, apenas mencionando o ano do seu nascimento e seu reconhecimento no Brasil (BASTOS, 1898, p. 233). Além disso, lista sete traduções e oito peças, inclusive duas que se perderam: *Debaixo de ruim Capa* e *O espalhafato*. As outras são: *Caminho da porta*, *O protocolo*, *Os deuses de casaca*, *As forças caudinas*, *Quase mistério* e *Tu só, Tu, puro amor*. Todas essas peças já haviam sido anteriormente enumeradas no verbete sobre Machado de Assis no volume XII do *Dicionário bibliográfico português*, de Inocêncio Francisco da Silva.

Ironicamente, se em 7 de junho de 1901 José de Sousa Monteiro, na condição de paraninfo de Machado, na defesa que fez da sua candidatura para a Academia Real de Ciências, não mencionou alguns de seus principais romances já publicados, não foi porque não pudesse lhes ter acesso. Apesar de no seu discurso encontrarmos referências ao *O alienista*, *O segredo do bonzo*, *Papéis avulsos*, *Ressurreição*, *Contos fluminenses*, *Helena*, *Brás Cubas*, *Histórias sem data*, *Várias histórias*, *A mão e a luva*, *Falenas*,

Americanas e Histórias da meia-noite, é estranho que nessa lista tenham ficado de fora *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, publicados em 1891 e 1900.

Ao que tudo indica, mesmo que pouco lido, Machado era o caso de um autor citado e mencionado sempre que o assunto fosse literatura brasileira. Justamente por isso, a presença de seu nome entre a cultura portuguesa parece contraditória. Apesar de outros brasileiros terem sido publicados em Portugal, tal como Macedo, Alencar, José Veríssimo, Júlio Ribeiro, Coelho Neto, Sílvio Romero e mesmo Lima Barreto, somente ele foi indicado para a Academia Real de Ciências, isso, apesar de, segundo Sayers, suas obras serem escassas nas bibliotecas públicas portuguesas e particulares. Na sua pesquisa, Sayers constatou que os catálogos da Biblioteca do Porto publicados entre 1869 e 1919 não incluem obras de Machado. Na coleção de Sampaio Bruno, hoje na Biblioteca do Porto, somente encontramos *Falenas* e *Brás Cubas*. Na de Fialho de Almeida, hoje na Biblioteca Nacional, constam apenas *Contos fluminenses*, *Esau e Jacó*, *Memorial de aires*, *Brás Cubas* e *Relíquias da casa velha*. No catálogo da Biblioteca Pública da importante cidade de Guimarães, com 9.104 títulos, não consta qualquer um dos seus livros. Segundo Sayers, um estudo dos catálogos de dezessete bibliotecas particulares, publicados entre 1890 e 1914, mostra a completa ausência das obras de Machado. Arnaldo Saraiva, sobre a presença das obras de Machado em bibliotecas públicas e particulares, faz apenas uma pequena correção, diz que se Sayers tivesse também procurando na biblioteca do Ateneu, teria encontrado as primeiras edições de *Histórias sem data*, *Helena*, *Tu, só tu, puro amor*, e das *Poesias completas* (SARAIVA, 2009, p. 67).

Foi como crítico que o nome de Machado de Assis apareceu mencionado pela primeira vez no *Dicionário bibliográfico português*, de Inocêncio Francisco da Silva, no verbete dedicado a José de Alencar, no volume V, em 1866. Inocêncio refere-se a sua análise da peça *Mãe*, de José de Alencar, publicada no *Diário do Rio*. Novamente, em 1884, Machado é citado como crítico no *Dicionário*, no volume XII, de 1884. Dessa vez, ele aparece por conta de sua crítica sobre a peça *O culto do dever*, de Joaquim Manuel de Macedo. Entre os tomos do *Dicionário* publicados após 1876, que com a morte de Inocêncio passou a ser editado por Brito Aranha, seu nome consta no volume XVI, de 1893, nos artigos dedicados a Gonzaga, Fagundes Varela e Álvares de Azevedo; e no volume XIX, de 1906, com a reprodução de um longo ensaio seu sobre a edição das *Cartas chilenas*, organizada por Luís Francisco Veiga.

Em 1884, no volume XII do *Dicionário*, quando aparece o primeiro e superficial verbete sobre Machado, é interessante notarmos como o maior romancista brasileiro foi tratado quase que com indiferença no verbete. Naquela altura as *Memórias póstumas* e os *Papéis avulsos* já haviam sido publicados. De qualquer modo, Machado foi apresentado como poeta, romancista, crítico e dramaturgo. No volume XVI, de 1893, após a publicação de *Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Papéis avulsos* e *Histórias sem data*, ele permanece apenas sendo chamado de “ilustre jornalista, poeta e crítico” (SILVA, 1893, p. 42). Tudo indica que Inocêncio apenas conheceu o talento crítico de Machado. Em 1866, em um artigo sobre Alencar publicado no *Arquivo pitoresco*, Inocêncio se refere à análise de Machado sobre *Iracema* e novamente o chama de “ilustre crítico”. Mesmo a referência que lhe foi feita por Maximiano Lemos na sua bem difundida *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada* (publicada entre 1900 e 1909), parece, apesar de elogiosa, desinformada ou relapsa. Lemos compara Machado a Eça de Queirós, mas não cita qualquer um de seus contos ou romances, inclusive *Dom Casmurro*, já que havia sido publicado nesse período.

Diante dos títulos e da pouca frequência de textos Machadianos publicados em periódicos e antologias portuguesas⁵, não há outra explicação plausível para compreendermos sua fama em terra lusitana se não a de que foram fundamentais as relações que manteve com importantes figuras do cenário português, mesmo sem nunca ter saído do Rio de Janeiro. Evidentemente que seu ensaio sobre o *Primo Basílio* merece crédito e destaque nessa investigação. No entanto, não nos iludamos. Mesmo o percurso pelo qual sua crítica passou até que Eça de Queirós lhe tomasse conhecimento se deveu fundamentalmente a amigos em comuns. Sem essa rede de relações é difícil imaginarmos que Eça tivesse acesso às ideias de Machado e, por porventura, passasse a respeitá-lo da forma que assim o parece ter feito.

Não esqueçamos que o Machado de Assis, criador do desabusado *Brás Cubas*, também foi o político fundador da Academia brasileira de letras. Nosso escritor, *self-made man*, soube durante toda a vida relacionar-se com pessoas importantes no cenário

⁵ Arnaldo Saraiva (2009), ao mencionar algumas das antologias portuguesas nas quais encontramos poemas de Machado, menciona o livro *Marques de Pombal*. No entanto, ainda que a coletânea seja em homenagem ao Marques de Pombal, e por isso um tema português, a publicação, tal como se vê na edição comemorativa dos sessenta anos da morte de Machado, é uma obra editada no Brasil e apresentada por um brasileiro, Adonias Filho. “A derradeira injúria, 14 sonetos”. In: *Clube de Regatas Guanabarenses*, Rio de Janeiro. O marquês de Pombal, obra comemorativa do centenário de sua morte. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1885. p. 21-30 (2ª parte). Exemplar n. 34. Edição especial.

literário brasileiro e português. Entre os personagens ilustres com os quais construiu laços afetivos estão Antônio Feliciano de Castilho e seu irmão José Feliciano de Castilho, que em 1867 lhe deram um exemplar da tradução de Ovídio, feita por Antônio Feliciano de Castilho, com dedicatórias de ambos os irmãos: “A J. M. Machado de Assis, o poeta da alma, e esperançoso ornamento das letras do Brasil, O. Antônio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho” (“Exposição de Machado de Assis”, 1939, p. 41).

Colaborou para que Machado conquistasse renome entre a crítica portuguesa, sem que ainda tivesse publicado um só volume de seus romances da maturidade, a sua convivência com um grupo de jovens literatos, na sua maior parte constituído por imigrantes portugueses: Francisco Ramos Paz, Ernesto Cibrão, Manuel de Melo, Francisco Gonçalves Braga, entre outros. Sua relação com Portugal também foi reforçada por brasileiros que para lá se transferiram e com os quais permaneceu mantendo contato, entre eles, Domício da Gama, Muniz Barreto, Luís Guimarães Júnior ou Magalhães de Azeredo, que se tornou amigo de Eça de Queirós na França e cuja admiração por Machado lhe foi transmitida. Além de outras importantes figuras portuguesas que viveram no Brasil, como José Feliciano de Castilho, a quem dedicou sua peça *Os deuses de casaca*, em 1866; Artur Napoleão, pianista e uma espécie de consultor musical de D. Pedro II; e Xavier de Novais, de quem se tornou cunhado quando se casou com sua irmã Carolina, em 1867.

Impressiona como o maior romancista em língua portuguesa dependeu de suas relações pessoais para estabelecer algum renome em Portugal. Impressiona ainda mais o fato de que a sua reputação de crítico coerente, culto e ponderado, assim como também a de poeta talentoso, tenha sido construída sobre suas primeiras obras, que como sabemos, apesar de já se diferenciarem de boa parte do romantismo brasileiro, não fazem sombra aos seus romances da maturidade.

A reputação de Machado, inclusive junto a Eça de Queirós, parece ter sido inspirada e viabilizada sempre por amigos em comum. Dois importantes artigos publicados em Portugal por Magalhães de Azeredo são destacados por Sayers e Heitor Lyra (1965) como importantes para que Machado fosse melhor compreendido e admirado por Eça. No primeiro, de 1897, na *Revista moderna*, Magalhães de Azeredo além de demonstrar grande intimidade com todos os seus livros, tecendo críticas abalizadas, diz que Machado é um autor verdadeiramente moderno, o que explica seu estilo não empolado e retórico. No segundo ensaio, de 1902, defende-o contra a infundada e

doutrinária crítica de Sílvio Romero⁶. Ele alega que o positivista simplesmente não simpatizava com Machado e que por isso fez uma “abordagem apriorística” de sua obra, sem qualquer fundamento ou razoabilidade (SAYERS, 1983, p. 142).

O mais interessante na recepção de Machado em Portugal está na disparidade entre a escassa quantidade de textos seus aos quais os portugueses parecem ter tido acesso durante o século XIX e a sua reputação. Vejamos um incidente relatado por Heitor Lyra, em *O Brasil na vida de Eça de Queirós*:

Quando foi proclamada a República do Brasil, Eça de Queirós, cuidando que lá, como em Portugal, à eminência literária correspondia sempre influência política, espantava os seus amigos brasileiros, perguntando-lhe com ânsia: Mas, no meio de todo este movimento, que diz que faz o Machado de Assis (LYRA, 1965, p. 196).

Esse mesmo curioso descompasso entre o prestígio pessoal e intelectual desfrutado por Machado em Portugal e o suposto desconhecimento de sua obra literária também foi endossado por Valentim Magalhães, que em livro editado em Lisboa, disse que “Machado de Assis é um nome conhecido e respeitado em Portugal; mas a sua obra não o é bastante” (MAGALHÃES, 1896, p. 19).

É com um tom lamurioso, quase queixoso e desalentado que Pedro Calheiro constata que o autor de *Brás Cubas* é um desconhecido em terras lusitanas. Bem, disso não discordamos e muito menos vemos motivo para polêmica. Se cultivarmos com mais afinco nosso ceticismo, se lembrarmos da média de leitura do povo brasileiro e admitirmos a real condição da educação e cultura do nosso país ao longo dos últimos séculos, infelizmente seremos obrigados a admitir que também para a grande maioria dos brasileiros, dos séculos XIX, XX ou XXI, Machado de Assis foi, é e possivelmente permanecerá um completo desconhecido.

Referências

ASSIS, Machado. Versos à Corina. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 16 de dezembro de 1900, n. 46, p. 22.

_____. A mosca azul. In: *O Branco e Negro: Semanário Ilustrado*. Lisboa: Livraria de Antônio Maria Pereira, 1897, v. II, p. 398.

_____. Festa de Lindóia. In: *Madrugada: revista noticiosa, crítica, literária, biográfica e bibliográfica*. Lisboa: F. Palmerim, 4 de agosto de 1896, p. 1.

⁶ Mesmo fora dos parâmetros temporais que estabelecemos para nossa pesquisa, aproveitamos apenas para mencionar que Sílvio Romero conseguiu que fosse publicado em Lisboa, em 1905, seu livro *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*, onde lemos uma análise às *Poesias completas* de Machado de Assis.

____. Que é o mundo. In: *Revista Moderna*; Magazine Ilustrado. Lisboa: Imprensa de Líbano da Silva, 1896, t. 2, n. 31, p. 66-69.

____. O Fonetismo. In: *Revista Moderna*; Magazine Ilustrado. Lisboa: Imprensa de Líbano da Silva, 1895, t. 1, n. 19, p. 307-308.

____. Uma criatura. In: *Revista Moderna*; Magazine Ilustrado. Lisboa: Imprensa de Líbano da Silva, 1895, tomo I, n. 14, p. 225.

____. Quando ela fala. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1891* – Suplemento [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1890, p. 343 [poema com indicação da proveniência: *Falenas*]

____. O verme. *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1890* – Suplemento [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1889, p. 28 [poema com indicação da proveniência: *Falenas*]

____. Círculo vicioso, *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1886* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, 1885, p. 360.

____. Pedro Luís. In: *A ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*. Lisboa: Tipografia da Companhia Nacional editora, 5 de outubro de 1884, a.1, v.1, n. 11, p. 163.

____. A amante de Camões. In: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1882* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1881, p. 278.

____. Coração triste falando ao sol (imitado de Su Tchou). In: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1878* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1877, p. 366.

____. O Verme. In: *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1873* [...] por Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1872, p. 382.

____. Versos à Corina. In: *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*. Lisboa: Tipografia do Futuro, v. 5, (sem número), 1864, p. 256 – 258.

AZEREDO, Magalhães de. Machado de Assis. In: *Revista Moderna. Publicação Quinzenal Ilustrada*. Paris. 1897, v. I, p. 269-271.

AZEVEDO, Guilherme de. Crônica Ocidental. In: *O Ocidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa: Lallemand Frères, 15 de julho de 1880, a. 3, v. 3, n. 62, p. 118-119.

BASTOS, Antônio de Souza. *Carteira do artista: apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*, Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1898.

BRAGA, Teófilo. *A Ilustração Portuguesa*, n. 47, 1886, p. 3.

_____. *Parnaso português moderno*. Lisboa: Tipografia da Biblioteca Universal, 1877.

CALHEIROS, Pedro. A Recepção de Machado de Assis em Portugal. In: *Revista Travessia*, Florianópolis, n. 27, 2. semestre, p. 52-95, 1993.

CHAGAS, Vania Pinheiro Chagas. A homenagem do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro a Machado de Assis por ocasião do seu falecimento. In: *Navegações*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2009.

CHAGAS, Pinheiro. Diversas notícias. In: *Artes e Letras*, Lisboa: Editores Rolland & Semiond, janeiro de 1872, a. 1, n. 5, p. 80.

_____. Bibliografia brasileira. In: *O Brasil*. Lisboa: Tip. Sousa & Filho, 1873, a. 3, n. 69, p. 1-2.

_____. Letras e artes. In: *Anuário do Arquivo Pitoresco*. Lisboa: Tipografia de Castro e Irmão, março de 1866, n. 27, p. 212-215.

DIAS, José Simões. *Tesouro Poético do Trovador*. Porto e Braga: Ernesto Chardron, 1878.

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO DE JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS (29/IX/1908 - 29/IX/1968). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Divisão de publicações e divulgação. Seção de Exposições, 1968.

“Exposição Machado de Assis”. Centenário do nascimento de Machado de Assis 1839-1939. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939.

HEYTOR Lyra. *O Brasil na vida de Eça de Queirós*. Lisboa: Livros do Brasil, 1965.

LEMSO, Maximiano. *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada*. Porto: Lemos & Cia., s.d [1900-1909].

LIMA, Rangel de. Crônica do mês. In: *Artes e Letras*. Lisboa: Editores Rolland & Semiond, janeiro de 1872, a. 1, n. 6, p. 94.

LOBATO, Gervásio. Crônica ocidental. In: *O Ocidente*: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. Lisboa: Lallement Frères, 21 de maio de 1883, v. 6, a. 6, nº 159, p. 113-114.

MACHADO, Júlio César. *Manhãs e noites*. Lisboa: Livraria Moderna - Editora, 1873.

_____. Falenas do poeta brasileiro Machado de Assis. In: *A América: Órgão*, Ante os Poderes Públicos de Portugal, dos Interesses Portugueses no Brasil e no Rio de Prata. Lisboa, 1871, v. 3, n. 3, p. 365-366.

MAGALHÃES, Valentim. *A literatura brasileira*. Lisboa: Livraria António maria Pereira, 1896.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*, 2 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

OLIVEIRA, Alberto de. *Na outra banda de Portugal*. Lisboa: Portugal-Brasil, 1919.

“O nosso folheto”. In: *A folha Nova*. Porto: Tip. Ocidental, 12 de outubro de 1882, 2ª série, p. 1.

“Pedro Luís”. In: *A Ilustração: Revista Quinzenal para Portugal e Brasil*. Lisboa: Tipografia da Companhia Nacional editora, 5 de outubro de 1884, a.1, v.1, n. 11, p. 172.

PAXECO, Fran. A beletrística brasileira. In: *A Arte: Órgão do Movimento Intelectivo Internacional*. Porto: M. I. I., 1898, a. 2, p. 137-138.

QUENTAL, Antero de (Org). *Tesouro Poético da Infância*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

RODRIGUES, Ernesto. O Poeta Machado de Assis lido em Portugal. In: CARDOSO, Solange Aparecida; CHAVES, Vania Pinheiro; MOREIRA, Lauro (org.). *Lembrar Machado de Assis*. Lisboa: CLEPUL/Missão do Brasil junto à CPLP, 2009.

SARAIVA, Arnaldo. Machado de Assis em Portugal. In: CARDOSO, Solange Aparecida; CHAVES, Vania Pinheiro; MOREIRA, Lauro (org.). *Lembrar Machado de Assis*. Lisboa: CLEPUL/Missão do Brasil junto à CPLP, 2009.

SAYERS, Raymond. *Onze estudos de literatura brasileira*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1983.

SILVA, Inocêncio Francisco da. Tomás Antônio Gonzaga. In: *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa nacional, t. XIX, 1906.

_____. Joaquim Maria Machado de Assis. In: *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa nacional, t. XVI, 1893.

_____. Joaquim Maria Machado de Assis. In: *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa nacional, t. XII, 1884, p. 107-109.

_____. José de Alencar. In: *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*. Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., 1866, t. V, n. 31, p. 244-246.

_____. José de Alencar. In: *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*. Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., 1866, t. V, n. 31, p. 244-246.